

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO PIMENTA DO REINO NO BRASIL¹

GEOGRAPHICAL SITUATION OF THE PRODUCTION OF BLACK PEPPER IN BRAZIL

Raíssa Lopes Paes – Universidade do Estado do Pará | Mestrado em Geografia- | E-mail:

raissapaes2015@gmail.com

Benedito Ely Valente da Cruz – Universidade do Estado do Pará | Departamento de Geografia |

E-mail: bvalente7@uepa.br

Resumo

O Brasil é dos maiores produtores e exportadores de pimenta do reino do mundo. Os fatores endo-forçantes climáticas e tecnológicas são os principais responsáveis pela dinâmica socioespacial dessa atividade produtiva e pela sua situação geográfica. Na pesquisa foi utilizado a revisão de literatura sobre o conceito de situação geográfica (CATAIA; RIBEIRO, 2015; CLAVAL, 2011); recorreu-se também ao banco de dados do IBGE/SIDRA (2020), Censo Agropecuário (2017); e por fim, trabalho de campo realizado no município de Cametá-PA. Como resultado conclui-se que a situação da produção de pimenta do reino no Brasil é bipolarizada, concentrando-se no estado do Pará (*produção paraense*) e do Espírito Santo (*produção capixaba*), são situações que resultam das condições endo-forçantes climáticas, históricas e técnicas-produtivas específicas. Em relação a produção paraense esta apresenta um perfil predominante familiar enquanto que a produção capixaba tem um perfil mais empresarial-rural.

Palavras-chave: Produção. Piper Nigrum L. Pipericultura.

Abstract

Brazil is one of the largest producers and exporters of black pepper in the world. The endo-forcing climatic and technological factors are mainly responsible for the socio-spatial dynamics of this productive activity and for its geographical situation. The research used the literature review on the concept of geographical situation (CATAIA; RIBEIRO, 2015; CLAVAL, 2011); it also resorted to the IBGE/SIDRA (2020) database, Agricultural Census (2017); and finally, fieldwork conducted in the municipality of Cametá-PA. As a result, it is concluded that the production situation of black pepper in Brazil is bipolar, concentrated in the state of Pará (Para production) and Espírito Santo (Espírito Santo production), situations that result from specific endo-forcing climatic, historical and technical-productive conditions. In relation to the Pará production, it has a predominantly family profile, while the capixaba production has a more entrepreneurial-rural profile.

Keywords: Production. Piper Nigrum L. Pipericulture.

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPA- PPGG que está sob orientação do professor Dr. Benedito Ely Valente da Cruz (UEPA), a pesquisa conta com bolsa custeada pela FAPESPA- Fundação de Amparo à Pesquisa e Estudos.

1. INTRODUÇÃO

A pimenta do reino é uma *commodite* agrícola muito apreciada no mercado mundial tendo os países tropicais como principais produtores. Historicamente é um produto utilizado no setor alimentar e atualmente é bastante utilizado nas indústrias alimentícias, cosméticas e até farmacêuticas. A produção está concentrada principalmente no continente asiático e na América do Sul (FAOSTAT, 2020). O Brasil está entre os principais produtores e exportadores do mundo desde a década de 1980 quando o país ganhou destaque no cenário internacional com a produção dos imigrantes japoneses na Amazônia, e em especial no município de Tomé-Açu/PA (HOMMA, 2016).

Atualmente, o protagonismo da produção brasileira passou da região Norte para a Sudeste, com destaque para o Espírito Santo, que se tornou o principal produtor nacional. Diante disso, a cartografia da pipericultura no Brasil revela duas grandes dinâmicas produtivas situadas: a *produção paraense* e a *produção capixaba*.

Explicar a dinâmica produtiva desses dois espaços perpassa pela compreensão das condições endo-climáticas e técnicas do desenvolvimento desta cultura que resultam em níveis diferenciados de produção e produtividade.

2. METODOLOGIA

Para atingir este objetivo recorreu-se a revisão de literatura e tratamento de dados secundários obtidos em sites do COMEXSTAT (2021); IBGE/SIDRA (2020); Censo Agropecuário (2017), somado a esses dados apresenta-se algumas informações obtidas no trabalho de campo realizado no município de Cametá- PA. Os dados foram tabulados em planilhas, as representações cartográficas foram realizadas no programa Qgis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 SITUAÇÃO GEOGRÁFICA COMO MÉTODO DE ANÁLISE

O conceito de situação geográfica é um dos mais clássicos da geografia e remonta a origem dessa ciência. Ainda assim, este conceito tem sido pouco explorado pelos geógrafos. Segundo Cataia e Ribeiro (2015, p.1) este conceito é “pertinente para analisar e articular variáveis, atores, agentes e processos em

diversas escalas a partir de um foco particular”. De forma complementar, este conceito pode ser trabalhado junto ao conceito de circuitos espaciais da produção², haja vista que estes também tem permitido “situar” os lugares dentro da divisão territorial do trabalho (SANTOS, 1986). A análise de uma situação geográfica leva em consideração um sub-espço específico (CLAVAL, 2011) ou seja, “parte de um ponto, de uma região ou de um país ao qual tudo vai ser vinculado” (p.148).

O método de análise para esta discussão resulta da comparação do mesmo objeto de estudo levando em consideração diferentes sub-espços e/ou escalas. Vincular este conceito a análise de um ramo produtivo predominante não é uma tarefa fácil, haja vista que o processo produtivo geral está sujeito a completar-se em múltiplas frações do espaço. O lugar da produção reúne formas particulares de produzir, é o espaço tributário do “fazer”. Em cada fração do espaço pode-se encontrar diferentes situações geográficas, na medida em que o próprio processo produtivo é resultado de variáveis que influenciam diretamente no êxito da atividade (condições endoforclimáticas específicas, nível técnico em que é desenvolvida, perfil dos agentes que produzem e etc.). Daí o conceito de situação geográfica ser considerado essencial para compreensão dessa análise, na medida que possibilita conhecermos a produção específica dos lugares e correlacioná-las.

Na geografia tradicional, por exemplo, este tipo de discussão privilegiava as condições naturais, daí a importância dos conceitos e explicações naturalistas da posição (latitude e longitude) (CLAVAL, 2011) dos fenômenos geográficos. Sobre este viés a situação geográfica era trabalhada segundo a posição absoluta dos lugares.

A posição absoluta partia do pressuposto da distância de um sub-espço em relação à linha do equador, a partir da qual ele pode ser efetivamente localizado (coordenadas geográficas em graus, minutos e segundos), a distância entre esses dois pontos vai definir o tipo de clima, relevo, vegetação e etc., do mesmo modo que as condições endoforclimáticas influenciam diretamente na distribuição das atividades, dos homens, ou seja, a própria organização espacial. Para os estudiosos desse período a situação absoluta ajuda a explicar “[...] em um ponto as relações que

² Os circuitos produtivos se definem pela circulação de matéria prima e dissociação geográfica das sub-etapas da produção, distribuição, troca e consumo (MORAES, 1985; SANTOS; SILVEIRA, 2020)

existem entre os diferentes elementos do meio dependem de sua distância em relação ao equador” (CLAVAL, 2011, p. 149).

Já a posição relativa analisa “a disposição dos lugares e dos países uns em relação aos outros” (CLAVAL, 2011, p.149), isso consiste em dizer que a organização do espaço não resulta apenas da sua posição absoluta, mas de sua correlação com outros sub-espacos, “pois todo lugar está situado em relação a outros lugares a partir de vias de comunicação e de vizinhança, sobretudo, situa-se em certas malhas e redes que determinam suas características e dinâmicas fundamentais” (CATAIA; RIBEIRO, 2015, p.5).

De fato, esse conjunto de variáveis é relevante para a compreensão da sazonalidade e concentração de algumas culturas agrícolas, como é o caso da produção de pimenta do reino. Pois, as condições endoclimáticas explicam o porquê da maior parte dos países produtores de pimenta do reino estarem localizados próximos a linha do equador³ em função da radiação solar e dos níveis de precipitações anuais requeridos pela planta. Todavia, levar em consideração apenas esse fator seria negligenciar o nível técnico em que é desenvolvido a atividade, pois “uma situação geográfica é um complexo de forças em ação presente, organizada segundo os feixes de variáveis que se juntam numa combinação única e inédita num dado momento e num dado subespaço” (CATAIA; RIBEIRO, 2015, p. 7).

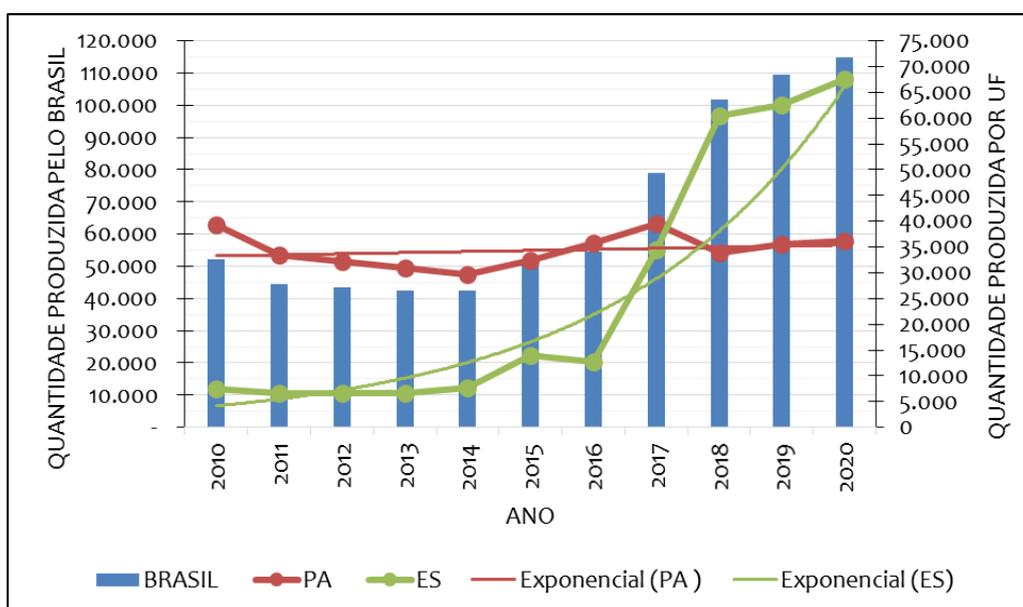
Em síntese, ao falarmos de uma produção de pimenta do reino, estamos falando de uma produção específica, que está situada no Brasil, país da América do Sul (situação absoluta) mas que recebe impulsos globais, na medida que é um produto exportado e comercializado no mercado externo (situação relativa). A organização espacial da atividade no país revela uma produção bipolarizada, ou seja, apresenta dois grandes centros de produção que se sobressaem sobre os demais, daí a importância de analisar estes espaços.

3.1.1. Situação geográfica da pipericultura no Brasil: o protagonismo da produção capixaba e paraense

³ Segundo os dados da FAOSTAT (2020) os principais produtores de pimenta do reino no mundo são: Vietnã, Brasil, Indonésia, Índia, Sri Lanka, China, Malásia, México, Madagascar.

Durante três décadas e meia (1980-2016) a produção de pimenta do reino estava concentrada no estado do Pará, especificamente município de Tomé-Açu, berço da produção brasileira desde a década de 1930. A partir de 2016, o Brasil assiste a ascensão da produção do estado do Espírito Santo que de forma “inesperada” e surpreendente alcança e supera a produção paraense passando de 7.478 mil toneladas em 2018 para 60.555 mil toneladas em 2020 (IBGE/SIDRA, 2020) (Vide gráfico 1).

Gráfico 1. Quantidade produzida no Brasil, Pará e Espírito Santo – 2010 a 2020.



Fonte: Organizado pelos autores a partir dos dados do IBGE/SIDRA (2020).

Até o ano de 2014⁴ a produção capixaba acompanhava o ritmo de crescimento da produção paraense com poucas oscilações para mais e/ou para menos. É só na metade da década de 2010, especialmente no ano de 2015 que a produção capixaba começa a apresentar dados significativos da produção. Em 2017 o ES consegue alcançar a mesma quantidade produzida pelo estado do PA até atingir máxima de 60.555 mil toneladas em 2018. Conforme observado no gráfico acima a produção paraense possui um crescimento linear enquanto que a produção capixaba cresce exponencialmente em curto período de tempo. Tal situação aponta para um

⁴ Entre os anos de 2010 a 2014 a produção paraense apresentava, sozinho, 70% da produção brasileira (IBGE/SIDRA, 2020).

processo de desconcentração espacial da produção *stricto sensu* na região norte para a região sudeste (Tabela 1).

Tabela 1. Participação dos estados do PA e ES na quantidade produzida de pimenta do reino no Brasil – 2010 a 2020.

Ano	Qtde. Produzida pelo Brasil	Qtde. Produzida pelo Pa	% Participação do PA	Qtde. Produzida pelo ES	% Participação do ES
2010	52.137	39.235	75%	7.478	14%
2011	44.610	33.349	75%	6.589	15%
2012	43.345	32.267	74%	6.670	15%
2013	42.312	30.885	73%	6.728	16%
2014	42.339	29.706	70%	7.597	18%
2015	51.739	32.414	63%	13.863	27%
2016	54.430	35.845	66%	12.801	24%
2017	79.106	39.577	50%	34.591	44%
2018	101.624	33.877	33%	60.555	60%
2019	109.401	35.524	32%	62.633	57%
2020	114.749	36.156	32%	67.594	59%

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do IBGE/SIDRA, 2020.

O aumento da quantidade produzida pelo estado capixaba coincidiu com as altas nos preços obtidas em 2015 e 2016, além disso, a produção capixaba se sobressai da produção paraense devido ao nível técnico e a maturação dos grãos (março a abril e de outubro a novembro), fatores esses que têm impactos diretos na produtividade (EMBRAPA, 2004; VIDAL, 2020)⁵.

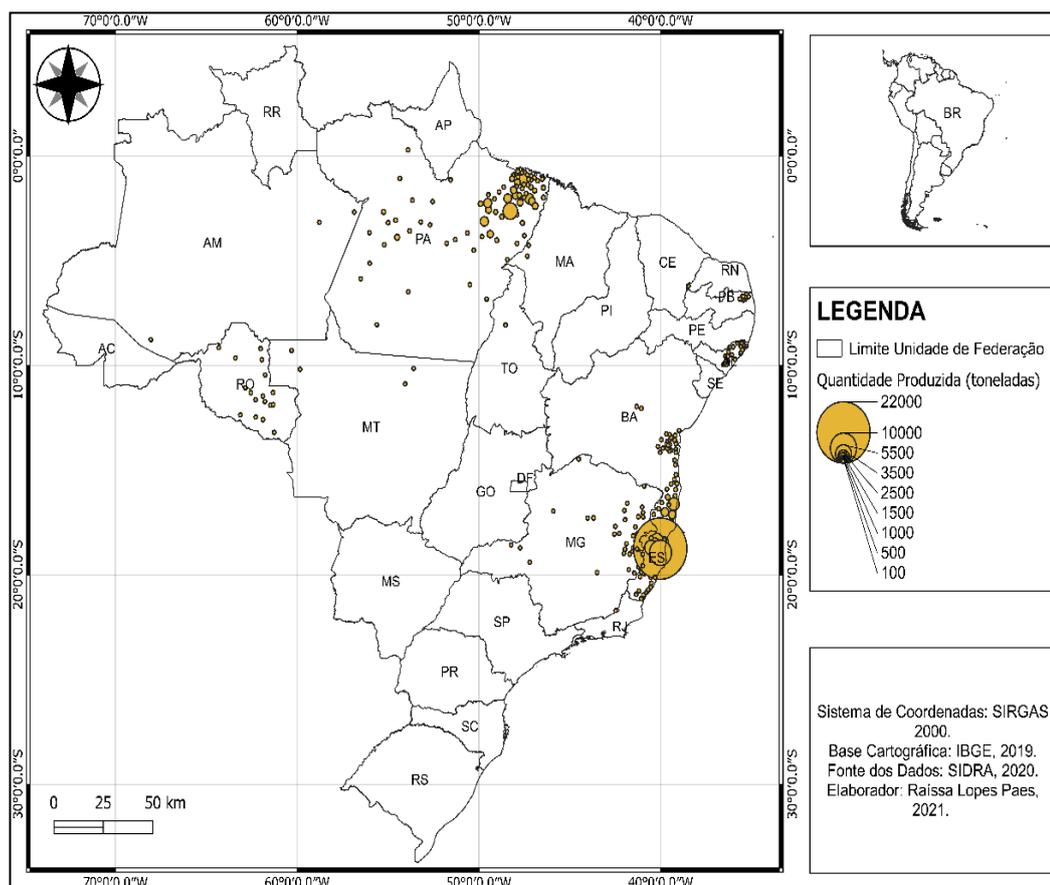
Paralelamente ao aumento da produção capixaba o ritmo de crescimento da produção brasileira eleva-se atingindo uma de suas melhores atuações no mercado global, ultrapassando a Índia em 2017 e a Indonésia em 2018, tornando-se assim o 2º maior produtor no mundo, ficando nessa posição até 2020. Na condição de maior produtor o Brasil se torna o 2º maior exportador de pimenta do reino no mundo ficando atrás somente do Vietnã (FAOSTAT, 2021).

Com 37.345 hectares de área plantada o Brasil produziu em 2020 114.749 mil toneladas do produto (IBGE/SIDRA, 2021). Com uma área de produção reduzida formada por diferentes sub-espacos a pipericultura é desenvolvida em, pelo

⁵ Segundo a Embrapa (2004) a produção de pimenta do reino no estado do ES possui dois períodos de maturação, isso faz com que se tenham colheita durante todo ano, já no estado do PA há um período único, isso resulta em apenas um único período de colheita. Quanto ao tipo de cultivo, Vidal (2020) coloca em evidência o cultivo irrigado da pimenta do reino na região sudeste e nordeste do país.

menos, 12 Unidades da Federação⁶ em cerca de 279 municípios⁷ (IBGE, 2020). A maior parte desses municípios estão concentrados no estado do Pará, região Norte, e Espírito Santo, no Sudeste, juntos são responsáveis por mais de 90% do total de áreas de produção (ha) e quantidade produzida (t.), e os outros 10% estão dispersos pelo território brasileiro sendo que o estado da Bahia, na região Nordeste, ocupa a terceira melhor participação na atividade (Mapa 1).

Mapa 1. Concentração da produção de pimenta do reino no Brasil (2020).



Elaborado pelos autores, 2021.

No mapa acima pode ser observado que a produção capixaba é concentrada espacialmente enquanto que a produção paraense se apresenta mais dispersa na mesorregião nordeste do estado e em torno da transamazônica. Quanto a quantidade produzida por município, foram identificados no estado do ES municípios com produção acima de 20 mil toneladas, como é o caso de São Mateus-ES (22.000

⁶ Segundo os dados do IBGE os estados do Espírito Santo, Pará, Bahia, Alagoas, Minas Gerais, Rondônia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Amazonas, Maranhão e Mato Grosso apresentam o desenvolvimento da pipericultura (IBGE, 2020).

⁷ Tais municípios apresentam dados com produção mínima de 1 t. até máxima de 22.000 t.

t.), já no estado do PA este indicador não ultrapassa 4.800 t. obtido pelo município de Tomé-Açu (IBGE/SIDRA, 2020). Tendo a vista a atual situação da produção de pimenta do reino no Brasil, buscar-se-á compreender mais detalhadamente esses dois sub-espacos.

3.1.2. Principais regiões produtoras de pimenta do reino no estado do ES e PA

Consideramos como regiões produtoras o conjunto de municípios em que há concentração da atividade pipericultora levando esse espaço a diferenciar-se do seu entorno. A produção de pimenta do reino no estado do ES está concentrada no Litoral Norte do Espírito-Santense (ES). Esta região é formada por 15 municípios, foi responsável por cerca de 48.549 mil t. produzidas pelo estado em 2020 e onde se encontra o município com mais produção, São Mateus. O Noroeste Espírito-Santense, a qual pertencem 17 municípios, é a segunda maior região produtora de pimenta do reino com 18.717 mil t., seguida por pela região Central Espírito-santense e Sul do Espírito-santense que apresentam as menores produções, somando 100 t. (IBGE/SIDRA, 2020).

Já a produção do estado do Pará está concentrada no nordeste paraense, com 80,6% da produção de pimenta do reino produzida pelo estado oriundo de pelo menos 91% dos municípios desta região⁸. A somatória da produção da região metropolitana de Belém, Sudeste Paraense, Baixo Amazonas, Sudoeste Paraense e Marajó representa 19,4% do total.

Os principais municípios produtores de pimenta do reino no estado do PA estão localizados no nordeste paraense são eles: Tomé-Açu, Igarapé-Açu, Capitão Poço, Baião, Cametá, Acará, Concoórdia do Pará, Garrafão do Norte, Mocajuba e Aurora do Pará (IBGE, 2020). O protagonismo desta região deve-se em grande parte pelo fato de a produção de pimenta do reino ser “implementada” pelos japoneses no município de Tomé-Açu, o primeiro polo proutivo do estado, e devido a fatores relacionados a epidemias de doenças e, também, os preços, a atividade amplia-se para municípios próximos (HOMMA, 2016).

⁸ Dos 49 municípios que formam o nordeste paraense, 45 apresentam dados sobre a produção de pimenta do reino (IBGE, 2020)

3.1.3. Perfil dos estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino no estado do PA e ES

Uma das características do cultivo da pimenta do reino é ser intensiva em capital e uso de mão de obra. Isso irá determinar o perfil dos estabelecimentos e a forma de manejo da atividade, ou seja, uso mais intenso de mão de obra ou tecnologia. Atualmente 32.799 mil estabelecimentos agropecuários produzem pimenta do reino no Brasil, sendo 17.477 mil estabelecimentos no PA e 11.725 mil no ES. No PA 88,7% são enquadrados na agricultura familiar e 11,2% na produção não-familiar. No caso do ES, 76,1 % pertencem a agricultura familiar e 23,8% não-familiar (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017).

Quando analisamos os estabelecimentos segundo o grupo de área total observamos que a maior parte dos estabelecimentos agropecuários no estado do PA possuem área entre 1 a 100 hectares (58,8% do total geral), já no ES os estabelecimentos são menores em extensão, entre 5 a 50 hectares (64,7% do total geral). (Tabela 2).

Tabela 2. Número de estabelecimentos produtores de pimenta do reino por grupos de área total existente

UF	Grupo de área total – Hectares	Total	Agricultura familiar - Não	Agricultura familiar- sim
PA	De 20 a menos de 50	5.655	517	5.138
	De 50 a menos de 100	2.394	232	2.162
	De 10 a menos de 20	2.243	215	2.028
	De 5 a menos de 10	1.688	169	1.519
	De 1 a menos de 2	1.145	112	1.033
	De 100 a menos 200	909	123	786
	De 2 a menos de 3	736	57	679
	De 3 a menos de 4	659	53	606
	Menos de 0,1 a 5	1.919	363	1.556

	De 500 a 10.000 e mais	125	125	-
Total		16.814	1.966	14.907
ES	De 5 a menos de 10	3.129	377	2.752
	De 10 a menos de 20	2.641	473	2.168
	De 20 a menos de 50	1.822	576	1.246
	De 2 a menos de 3	841	158	683
	De 4 a menos de 5	795	114	681
	De 3 a menos de 4	635	108	527
	De 1 a menos de 2	646	208	438
	De 50 a menos de 100	550	300	250
	De menos de 0,1 a 1	269	130	175
	De 100 a 2.500	360	355	5
Total		11.688	2.799	8.925

Fonte: Organizado pelos autores a partir dos dados do Censo Agropecuário, 2017⁹.

Como pode ser observado na Tabela 2 em ambos os estados predomina estabelecimentos com pequenas dimensões considerando o tamanho dos estabelecimentos agropecuários no Brasil e a área disponível para o desenvolvimento das atividades agropecuárias, contudo no Pará os estabelecimentos desenvolvem a atividade em áreas maiores que no ES (50 a 100 hectares). Isso nos leva a inferir que no estado do PA o principal fator de produção é a terra e no ES a produtividade está associada ao uso de tecnologia, como irrigação e máquinas.

No que concerne ao acompanhamento técnico, dos 17.477 mil estabelecimentos do estado do PA, apenas 1.346 (7,7%) recebem ou receberam algum tipo de orientação, já no estado do ES foram 3.891 (33,1%) unidades possuem orientação técnica para o desenvolvimento da atividade (Tabela 3).

⁹ Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956#resultado>. Acesso: 20 de junho de 2022.

Tabela 3. Número de estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino – Origem da orientação técnica

Origem da orientação técnica recebida	Unidade de Federação			
	PA	%	ES	%
Governo (federal, estadual ou municipal)	715	53,1%	795	20,4%
Própria ou do próprio produtor	288	21,3%	1.556	39,9%
Cooperativas	154	11,4%	1.034	26,5%
Empresas integradoras	109	8%	326	8,3%
Empresas privadas de planejamento	34	2,5%	82	2,1%
Organização não-governamental (ONG)	13	0,9%	6	0,15%
Sistema S	6	0,4%	47	1,2%
Total	1.346		3.891	

Fonte: Organizado a partir de dados do Censo Agropecuário, 2017.

De forma geral, os produtores de pimenta são mal assistidos pois apenas 7,7% dos produtores do Pará e 33,1% do ES recebem assistência técnica. Todavia, em termos absolutos, em ambos os casos o Estado não proporciona o acompanhamento técnico necessário a atividade, haja vista que os números apresentam uma margem muito pequena de diferença de produtores assistidos pelo governo tanto do PA (715) como no ES (795).

Os produtores paraenses dependem muito mais do Estado (53, 31%) para este tipo de acompanhamento do que os produtores capixabas (20,4%), isso pode ser explicado pelo fato de que o acompanhamento técnico fornecido aos produtores capixabas é provido, em sua maior parte, pela iniciativa privada (própria do produtor e cooperativas) (39,9%), reafirmando assim, o perfil empresarial-rural dessa atividade estado.

Tendo em vista uma maior participação das cooperativas no processo direto da produção no estado do ES, sua atuação estende-se para a comercialização do produto conforme deixa em evidência Vidal (2020, p.3) “a organização dos produtores para a comercialização por meio de cooperativismo foi outro fator importante para o incentivo ao crescimento dos investimentos na cultura”.

A Cooperativa dos agricultores da Bacia do Cricaré - COOPBAC é uma cooperativa atuante no estado do ES com filiados presentes nos principais municípios

produtores do estado¹⁰. A instituição auxilia os produtores no fornecimento de insumos agrícolas, suporte logístico e armazenamento da produção, exportando o produto para aproximadamente 17 países em quatro continentes (COOPBAC, 2021).

Todavia, no estado do PA o comércio da pimenta do reino ainda compartilha de um sistema de comercialização muito praticado na região amazônica que consolida a participação do comprador-intermediário/atravessador, que se interpõem entre o produtor e comprador final (empresas compradoras). Situação que pôde ser comprovada na microrregião de Cametá-PA, este sistema de comercialização funciona, a grosso modo, da seguinte forma: compradores-intermediários compram a pimenta do reino do produtor a um preço abaixo do mercado e revendem para outros compradores e/ou empresas compradoras. A exceção a CAMTA- Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu, agroindústria cooperativa formada predominante por imigrantes japoneses que comercializa a produção dos seus associados e de terceiros diretamente para o mercado consumidor (inter)nacional (SHIBATA, 2021)¹¹.

Diante disso, observa-se que a estrutura da produção e comercialização no estado do PA e no ES são singulares e próprias da realidade de onde estão inseridas. Contempla-se na situação da produção atual no Brasil o que Santos (2006) chamou de competitividade entre os lugares, isso porque conforme nos direciona o autor os espaços não possibilitam níveis iguais de produção. Em suas palavras:

Assim como se fala de produtividade de uma máquina, de uma plantação, de uma empresa, podemos, também, falar de produtividade espacial ou produtividade geográfica, noção que se aplica a um lugar, mas em função de uma determinada atividade ou conjunto de atividades (SANTOS, 2006, p. 166).

Complementa o autor em tela que,

Na medida em que as possibilidades dos lugares são hoje mais facilmente conhecidas à escala do mundo, sua escolha para o exercício dessa ou daquela atividade torna-se mais precisa. Disso, aliás, depende o sucesso dos empresários. É desse modo que os lugares se tornam competitivos. O dogma da competitividade não se impõe apenas à economia, mas, também, à geografia (SANTOS, 2006, p. 167).

¹⁰ A cooperativa possui filiais em sete municípios produtores de pimenta do reino do estado (São Mateus, Jaguaré, Linhares, Boa Esperança, Nova Venécia, Colatina e Pedro Canário e Pinheiros) (COOPBAC, 2021).

¹¹ A CAMTA possui, aproximadamente, 1.800 produtores cooperados que além da exportação da pimenta do reino exporta polpas de frutas regionais obtidas no sistema de cultivo consorciado – SAFTAS (CAMTA, 2021).

4. CONCLUSÃO

como pode se demonstrar a produção de pimenta do reino brasileira é situada geograficamente e sua localização além dos fatores edafoclimáticos respondem a fatores históricos, técnicos e mercadológicos. A atividade é desenvolvida em diferentes sub-espacos do território brasileiro, a produção paraense apesar de ser a primeira do país a ganhar visibilidade no mercado nacional e internacional hoje não consegue alcançar o nível ótimo de produção da produção capixaba que apresenta áreas de cultivos tecnicamente mais desenvolvidas.

Diante da análise da estrutura técnico-produtiva da produção observa-se que a produção capixaba possui um perfil empresarial-rural, apesar de ser desenvolvida em propriedades médias, enquanto que a paraense é de base familiar todavia desenvolvida em áreas maiores quando comparada ao ES.

REFERÊNCIAS

- CLAVAL, Paul. Epistemologia da Geografia. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- CAMTA. Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu. Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu, 2021. Disponível em: <https://www.camta.com.br/index.php/c-a-m-t-a/nossa-historia>. Acesso em: 5 de maio de 2022.
- CATAIA, Márcio. RIBEIRO, Luís Henrique Leandro. Análise de situações geográficas: Notas sobre metodologia de pesquisa em geografia. **ANPEGE**, 2015.
- COOPBAC. Cooperativa de Agricultores Agropecuários da Bacia do Cricaré, 2021. Disponível em: <https://www.coopbac.coop.br/>. Acesso em: 5 de maio de 2022.
- EMBRAPA. Manual de segurança e qualidade para a cultura da pimenta-do-reino. Brasília: EMBRAPA, 2004, 65p.
- HOMMA, Alfredo Kingo Oyamma. (Org.). A civilização da pimenta do reino na Amazônia. In: **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola**. Brasília, DF: Embrapa, 2016.
- FAOSTAT. **Estatística da FAO**. Disponível em: https://www.fao.org/faostat/en/#rankings/countries_by_commodity. Acesso: 28 de maio de 2022.
- IBGE- Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Produção Agrícola municipal. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>>. Acesso: 11 jun. 2021.

_____. Censo Agropecuário (2017), **Tabela 6956** – Número de estabelecimentos agropecuário com 50 pés e mais existentes da lavoura permanente (Unidades). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/6966#resultado>. Acesso: 05 de maio de 2022.

_____. Censo Agropecuário (2017), **Tabela 6966** – Número de estabelecimentos agropecuário com 50 pés e mais existentes da lavoura permanente (Unidades)/ Origem da orientação técnica recebida, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956#resultado>. Acesso: 22 out. 2021.

MIDIC/COMEXSTAT. Exportação e Importação Geral. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso em: 10 set. 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2014b [1988].

VIDAL, Fátima. Evolução do cultivo de pimenta-do-reino na área de atuação do BNB. **Caderno Setorial ETENE**, Ano 5, nº 146, dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/8330297/2020_CDS_146.pdf/32584f2b-b9f9-9754-1fd3-d285be923804>.